



LIVROS

Buarque de Holanda, o crítico literário

Sérgio Buarque de Holanda. COBRA DE VIDRO. Crítica literária. Editora Perspectiva. 194 pág. Cr\$ 90.

Sérgio Buarque de Holanda é dos que trabalham em silêncio, para não dizer em surdina, infenso aos alaridos que se produzem à sua volta. Ao arrepio dos estereótipos, procura forjar uma visão do Brasil que se poderia chamar de inclusiva — como de resto também o é a de Gilberto Freyre — ao não excluir ou menosprezar quaisquer manifestações, nem as refinadamente culturais, a pretexto de não ser elitista, nem as essencialmente populares, sob a alegação contrária. Minerador, compraz-se em retirar de sob as camadas do visível em sua externa aparência multifacetada e até excessiva, o nexos e o sentido, porém sem o *parti pris* de nossa totalitária, por vezes sufocante formação cristã-ocidental, preconceituosa em sua discriminação do diferente, alcunhado, na melhor das hipóteses, de exótico, quando não depreciado como primitivo, algo que se situa entre os extremos igualmente distantes ou do espetáculo bizarro ou da proveta científica. Nega-se, assim, sob diversas capas, o direito à especificidade, essa mesma especificidade que falta, não obstante a seriedade e o empenho, aos tão afluentes *brazilianists* da atualidade, muito ricos em fatos mas pobres de sentido. Os próprios brasileiros, por outro lado, ao se mostrarem envergonhados de sua diversidade, correm o risco de renegar sua alma, contendo-a nos limites falsos de uma fria contenção ou orgulhosa *clarté*. Historiadores como Sérgio Buarque de Holanda nos ajudam a compreender a absurda unilateralidade apolínea com que sufocamos nossas raízes afetivas e passionais, não necessária e obrigatoriamente ruins em si.

Mas são por demais conhecidos e reconhecidos os méritos histórico-culturais do autor de "Raízes do Brasil". Menos conhecida, embora não menos profícua e conspícua, é a sua faina de crítico literário. E aqui não se pense que o autor se limite aos âmbitos da ficção ou do ensaio como manancial, fonte e matéria-prima de seu mister. Ao interessar-se pela inutilitária poesia, mostra coerência. E ao não deter-se

respeitoso diante de seus arcanos aprofunda sua

Assim, referindo-se a Manuel Bandeira (brasileiríssimo poeta), é entre a liberdade, que tende ao caos, e o formalismo, que se arrisca à cristalização inócua, pois "não foi o desprezo, foi justamente o desvelo pela forma, a sua forma pessoal" que caracterizou esse artífice do lirismo da libertação, essa mais penosa e extrema de todas as disciplinas, que o situa. E é na difícil, porventura impossível simbiose (não a tivessem inventado os românticos com o seu *Stimmungsbrechung*) no prosaico e o poético — "o prosaico não é negação, é condição do 'poético'..." — que vem embasado Carlos Drummond de Andrade. Em outro diapásão, a secura e o despojamento de João Cabral de Melo Neto não nos leve a pressupor o altaneiro adejar de uma pretensa *poesia perennis*, ao contrário, sua poesia "quer ser precisamente um desafio, constante e deliberado, a esses mesmos ideais, a todos os esquemas abstratos e alheios ao espetáculo diário". Já Dante Milano serve de fundamento para que se estenda uma sólida ponte entre a injustificável dicotomia forma e fundo, ou texto e contexto. "Seu pensamento é de fato sua forma". Finalmente, da mais alta poesia é o poema em prosa de Aníbal Machado ("Abc das catástrofes"), caminho que nos leva da "clareza e da vigília", que é onde nos locomovemos nós, "homens civilizados e coerentes", a "um reino diabólico, noturno, separado deste mundo por fronteiras muitas vezes agrestes". O artifício desfaz-se em rio primordial e o acaso transforma-se em sede da poesia. E mais: por incrível que possa parecer, como subsolo do humano que se quer humano, a poesia passa a ser a única esperança de uma história que dilacera a carne da vida.

De certo modo, a lucidez de Sérgio Buarque de Holanda nos dá a agradável sensação de estarmos sendo agarrados pelos pés (como o autobiografado de "Fellini Oito e Meio") da estratosfera das grandes terminologias e abstrações para o chão quente de uma realidade que fermenta sob nossos pés. A grande sabedoria é sempre simples. E desconcertante.

PER JOHNS